

CONGRESSO HISTÓRICO DE GUIMARÃES E SUA COLEGIADA

MANUEL AUGUSTO RODRIGUES

31

TEOLOGIA E HUMANISMO  
NO COLÉGIO DA COSTA, DE GUIMARÃES



GUIMARÃES • 1981

---

# CONGRESSO HISTÓRICO DE GUIMARÃES E SUA COLEGIADA

MANUEL AUGUSTO RODRIGUES

## TEOLOGIA E HUMANISMO NO COLÉGIO DA COSTA, DE GUIMARÃES

Não há a menor dúvida de que a Noção de Deus  
ou um importante centro de cultura humanista.  
1537, para o que muito contribuiu a ação de Fr. Bento de  
Moura e de outros, que haviam sido educados e graduados  
em Coimbra e se revelaram como personalidades de alta...



que  
estas f...  
cabeda...  
porque...  
mãdon...  
grego, diction...  
Biblia, Psalterio...  
e não tendo o Sr. D...  
havia e se frequentava...  
na teve nestas línguas...  
de Costa V...

## TEOLOGIA E HUMANISMO NO COLÉGIO DA COSTA DE GUIMARÃES

por  
MANUEL AUGUSTO RODRIGUES

Não há a menor dúvida de que o Mosteiro da Costa de Guimarães constituiu um importante centro de cultura humanística, filosófica e teológica no séc. XVI, para o que muito contribuiu a acção de Fr. Brás de Braga, de Diogo de Murça e de outros, que haviam sido educados e graduados na Universidade de Lovaina e se revelaram como personalidades de alta envergadura no campo das letras.

Lê-se nas *Memórias dos Estudos em que se criaram os Monges de S. Jerónimo*: «ali se formou huma pequena Universidade continuando a ensinar Latim e Rectórica o já mencionado Ignácio de Moraes, co malguns dos Monges, que tinham sido seos Discipolos em Penha Longa: não sabemos quem fosse Mestre de Grego e de Hebraico; mas também se ensinavão ali estas língoas porque achámos que o P. Fr. Diogo de Murça tinha grande cabedal nellas; que o Sr. D. Duarte as possuia com bastante extenção; porque entre os livros deste Príncipe, que o Sr. Rey D. João o 3.º seu Pay mandou dar ao Collégio de S. Jerónimo de Coimbra, se achão muitos em grego, dictionários de hebraico e outros livros também em hebraico, como Bíblia, Psaltério e outros que mcstrão a intelligência de quem os possuía; e não tendo o Sr. D. Duarte estudado fora deste Colégio hé certo que nelle havia e se frequentavão estes estudos: além de saberem todos a intelligência que teve nestas língoas o grande Fr. Heytor Pinto creado neste Collégio da Costa»<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> In *Notícias Chronologicas da Universidade de Coimbra*, por E. LEITÃO FERREIRA (ed. por JOAQUIM DE CARVALHO, 5 ts., Coimbra, 1937-1956), 2.ª parte, t. II, p. 283.

E referindo-se a alguns Mestres qua ali ensinaram, dizem ainda as referidas *Memórias*: «O Dr. Margalho ensinou Theologia e o Dr. Marcos Romeiro, que o P. Fr. Braz de Barros tinha mandado vir de Paris annos antes para ler em Santa Cruz, lia Escripura»<sup>2</sup>.

Fr. Diogo de Murça, frade jeronimita, recebeu o hábito religioso em Penha Longa, em 1513. Fez os seus estudos em Salamanca, Paris e Lovaina (aqui conheceu Clenardo) e veio a ser mais tarde Prior do Convento de Penha Longa, em 1533. Por ordem do rei piedoso, criou em Penha Longa, em 1535, um colégio onde os monges se preparavam cientificamente. Em 1537 passou para o Colégio da Costa, tendo sido nomeado Prior antes de 8 de Novembro de 1537. Em 5 de Novembro de 1543 passou a ocupar o lugar de Reitor da Universidade de Coimbra, onde desenvolveu uma acção muito notável<sup>3</sup>.

Falar do Colégio da Costa e de algumas das figuras mais relevantes que por ele passaram é evocar a penetração do humanismo em Portugal e a extraordinária projecção que viria a ter entre nós. Em Braga, no Porto, em Évora, em Olivença e em Lisboa foram levadas a cabo iniciativas e reformas pedagógicas dignas dos maiores encómios, todas elas norteadas pelos ideais humanísticos. Mas seria depois em Coimbra que se assistiria a uma reforma profunda do ensino.

Os monges de S. Jerónimo merecem, contudo, uma referência muito particular, pois os ensaios realizados na esfera dos estudos foram dos mais válidos e sérios. E aqui ocupa um lugar de primordial importância a figura de Fr. Diogo de Murça. Como se lê nas *Memórias* do cronista de S. Jerónimo: «O século XVI foi mais fecundo que o antecedente em homens grandes para a religião de S. Jerónimo ... Alguns monges foram mandados a França para se instruírem ... — entre outros ... Fr. Diogo de Murça e Fr. Brás de Barros, gloriosos princípios do feliz progresso nas ciências ... dos monges belemitas ... Este colégio jeronimiano (da Costa) tinha sido fundado no Mosteiro de Penha Longa no ano de 1535: tinham voltado ao reino os grandes padres Fr. Brás de Barros e Fr. Diogo de Murça ... e o estabelecimento de colégios e estudos que o padre Fr. Brás ia fazendo em Santa Cruz de Coimbra ..., trazia impaciente ao padre Fr. Diogo de Murça de fazer entre

---

<sup>2</sup> *Ibid.*

<sup>3</sup> Cf. A MOREIRA DE SÁ, *Livros de uso de Frei Diogo de Murça*. Separata do *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, vol. XXXIII (1977), com abundante bibliografia.



os belemitas o mesmo estabelecimento para lhe comunicar as mesmas luzes que tinha adquirido com o seu condiscípulo em Lovaina»<sup>4</sup>.

De certo interesse se reveste a carta de Murça para D. João III, de 8 de Novembro de 1542, em que diz que não se pode fazer mais do que é feito: «que se não pode fazer mais do que é feito (em matéria de recuperação cultural jeronimiana), nem cuidei que entre frades, e frades de S. Jerónimo que tão fora estavam de estudar, se pudesse introduzir exercício de letras da maneira que este procede»<sup>5</sup>.

Como se disse atrás, Diogo de Murça alcançou em 27 de Maio de 1533 o magistério na Faculdade de Teologia de Lovaina. Aqui pôde acompanhar os novos caminhos prosseguidos pelo humanismo e assistir aos debates e conflitos que se travavam entre os mestres da Faculdade de Artes de Paris e do Colégio Trilingue de Lovaina e os adeptos da cultura escolástica. Em Lovaina esteve em contacto com a literatura erasmiana e vários pensadores do humanismo cristão, vindo depois a trazer para o Colégio da Costa obras de capital importância para a renovação da mentalidade lusitana.

A carta de Clenardo para Vaseu, escrita em Évora nas vésperas do Natal de 1534, indica claramente que conviveu com Rutgero Réscio, um dos expoentes maiores do Colégio Trilingue de Lovaina. E deve acrescentar-se ainda que foi portador de uma carta de Réscio para Clenardo. Não deve esquecer-se que as afinidades do pensamento de Erasmo com Réscio eram idênticas às que verificamos nos seus amigos André de Resende e Damião de Góis.

Notório se manifestou depressa o valor intelectual de Diogo de Murça durante a sua permanência em Penha Longa, a partir de 1534 ou 1535. E o monarca logo se apercebeu disso, pensando aproveitar o seu talento em ordem a uma profunda renovação dos estudos humanísticos e teológicos, numa época em que por essa Europa fora a nova corrente cultural se afirmava de forma decisiva. Convém, entretanto, não esquecer que ao passo que em Santa Cruz a iniciativa de reforma partia do rei, em Penha Longa tal ficou a dever-se essencialmente ao esforço e à acção de Murça.

---

<sup>4</sup> Cf. *Notícias Chronologicas*, op. cit.

<sup>5</sup> Cf. ALFREDO PIMENTA, *D. João III*, Porto, 1936, p. 288.

<sup>6</sup> Sobre o ensino no Colégio de Penha Longa e no Colégio da Costa, cf. J. S. DA SILVA DIAS, *A política cultural da época de D. João III*, vol. I, t. II, Coimbra, 1969, pp. 467-487, com selecta bibliografia.

De referir também o empenho com que os monges de S. Jerónimo se lançaram na docência das humanidades no Mosteiro de Belém, sendo de salientar o papel de Inácio de Moraes, autor dos *Dialecticae rudimenta*, obra escrita em 1534-1535 ou 1535-1536, e que representa uma autêntica promoção das letras humanas entre os jeronimitas.

A academia jeronimiana não perdurou por muito tempo nem em Belém nem na Penha Longa. Por razões de vária ordem, entre as quais figura a preocupação do rei de ser ministrada aos infantes D. Duarte e D. António uma educação especial longe da capital, o centro principal do ensino dos frades de S. Jerónimo transferiu-se para perto de Guimarães, mais precisamente para o Colégio da Costa.

Tal mudança deve ter-se verificado nos meados de 1536-1537, tendo então início as classes de humanidades e talvez também de Artes.

Clenardo pôde ouvir nos primeiros dias do ano escolar imediato os mestres de Retórica, de Lógica e de Filosofia, que eram respectivamente Inácio de Moraes, António Caiado e Gaspar Bordalo. Escreve Clenardo: «A ceia foi ao pé de Guimarães, com o padre Diogo de Murça, prior do Mosteiro da Costa, que nos fez as honras da casa ... Tem ele no mosteiro três lentes, todos portugueses. Conheceis já o Bordalo: este ensinava a ética logo depois do almoço e a física antes do meio dia; outro ensinava a dialéctica; e o terceiro, sob cujas bandeiras militava um filho de el-rei, de catorze anos de idade, a retórica. Assisti às lições de todos eles e quiseram-me parecer bastante desempoeirados no seu assunto»<sup>7</sup>.

Inácio de Moraes impusera-se pelo elevado nível literário e pedagógico que imprimia na sua leccionação. Fizera os seus estudos em Paris e em Lovaina mas depois viria para Coimbra.

A confirmar o brilho e o grau de competência dos mestres da Costa em comparação com o que se passava nas outras escolas jeronimitas, temos o testemunho de Diogo de Murça e de Marcos Romeiro. Diz o primeiro: «... mancebos que de princípio estudaram gramática neste Colégio, os quais na língua latina têm mais exercício do que tinham os que até aqui entraram nas araes»<sup>8</sup>. E ainda «... todos (os alunos) são contínuos em falar latim, no que se põe grande diligência e vigilância»<sup>9</sup>.

<sup>7</sup> Cf. obra citada na nota anterior, p. 472, nota 3.

<sup>8</sup> Cf. ALFREDO PIMENTA, *op. cit.*, p. 286.

<sup>9</sup> Cf. MÁRIO BRANDÃO, *Alguns documentos respeitantes à Universidade de Coimbra na época de D. João III*, Coimbra, 1937, p. 51.



O próprio Inácio de Moraes fala de si: «Creio, varão doutíssimo, que não tereis talvez perdido de todo aos teus olhos o tempo e o trabalho, como se diz, nestes estudos da linguagem latina, em que sempre especialmente me deleitei e nos quais me tenho exercitado, não sem grandes canseiras, quase desde a infância»<sup>10</sup>.

Sobre a actividade docente de António Caiado e de Gaspar Bordalo são poucas as notícias chegadas até nós. Em Guimarães foram substituídos por monges de S. Jerónimo, sendo um deles Fr. Jorge de Belém, de quem falaremos mais adiante.

Em 1547-48 alguns, como Pedro de Sousa Pereira, D. António e Fr. Heitor Pinto passaram para Coimbra. Na Universidade local, o último havia de se impor como insigne exegeta, profundo conhecedor das línguas latina, grega, hebraica e aramaica. Escreveu comentários de enorme valia sobre os profetas Isaías, Ezequiel, Daniel e Nahum e sobre as Lamentações de Jeremias, que ainda hoje causam profunda admiração a quem os lê. Barbosa Machado refere ainda comentários aos dez primeiros Salmos e aos 12 Profetas Menores. Conservam-se em manuscrito comentários a Zacarias e a Miqueias. A título de informação, lembre-se que Heitor Pinto foi nomeado por provisão de 2 de Agosto de 1575, tendo tomado posse a 9 de Maio de 1576<sup>11</sup>.

Os estudos de Artes na Costa devem ter terminado em 1546-47 e a extinção definitiva verificou-se em 1550.

Depois dos estudos preparatórios, os estudantes ou transitavam para a teologia ou seguiam o ensino noutra escola. De interesse se revestem as palavras que Murça escreveu: «Os frades estudantes que de lá (Lisboa-Belém) vieram chegaram cá de saúde, deles véspera de S. Jerónimo e deles alguns dias antes; e no dia de S. Jerónimo, depois de vésperas, houve neste colégio duas disputas — uma em filosofia, que tiveram os que acabaram o primeiro curso, e outras em lógica, que tiveram os do segundo curso —, e assim se guardará ao diante, porém como houver teólogos as disputas que se fizeram no dia de S. Jerónimo serão em teologia»<sup>22</sup>.

Desta passagem deduz-se que foi em 1539-40 que se começou a leccionar teologia em Guimarães. Mas é provável que só em Março de 1540 ela tivesse começado.

<sup>10</sup> Carta de 7 de Outubro de 1536 para Fr. Brás de Barros, in *Alguns documentos*, p. 67.

<sup>11</sup> Cf. o nosso livro *A Cátedra de Sagrada Escritura na Universidade de Coimbra — Primeiro Século (1537-1640)*, Coimbra, 1974, pp. 261-322.

<sup>12</sup> Carta para D. João III, de 3 de Outubro de 1538, in MÁRIO BRANDÃO, *Coimbra e D. António*, Coimbra, 1939, vol. I, p. 136.

Marcos Romeiro, natural do Funchal e que estudou teologia em Paris, chegou ao Mosteiro da Costa em 23 de Fevereiro de 1540. Mas teve de aguardar instruções superiores relativas à matéria que devia leccionar e, talvez, também acerca do sistema pedagógico que devia seguir. Como se disse no início, enquanto o Dr. Margalho ensinava teologia especulativa, Marcos Romeiro ficou incumbido de ler Sagrada Escritura. Mais tarde, por provisão de 31 de Outubro, seria nomeado lente do Antigo Testamento na Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra, tendo as suas prelecções incidido sobre o Génesis, os Salmos, Job e Ezequiel. A parte relativa ao Novo Testamento ficou a cargo de Paio Rodrigues de Vilarinho<sup>13</sup>.

Quando se compara o ensino das humanidades na Costa e em Santa Cruz, logo parece concluir-se que aquele não era tão completo entre os cruzios. Mas esta hipótese não é perfilhada pelo autor das *Memórias* dos jeronimitas. Aí se lê que era «grande o cabedal de Murça naquelas línguas»; que existiam livros em grego e em hebraico entre os de D. Duarte que «seu pai mandou dar ao Colégio de S. Jerónimo de Coimbra»; e refere ainda a inteligência que havia de ter destes idiomas o proprietário dos livros, o qual só na Costa a podia ter adquirido, visto só ali ter estudado, o mesmo sucedendo com Heitor Pinto que, como já dissemos, nos deixou preciosos comentários exegéticos sobre o Antigo Testamento, nos quais sobressai à saciedade o seu perfeito domínio das línguas eruditas.

Alguns autores, como o Prof. Silva Dias, põem certas reservas àqueles argumentos, fundamentando-se em que, embora o «Recibo ... de como foram entregues os livros que tinham pertencido a Fr. Diogo de Murça», bem como o «Inventário dos livros que se acharam ... por morte do P. Fr. Diogo de Murça e tinham vindo da Costa, mandados entregar ao Colégio de S. Jerónimo de Coimbra pelo Senhor Rei D. João III e depois de sua morte pela Senhora Rainha D. Catarina» aludam a vários livros em grego e em hebraico ou para o estudo do grego e do hebraico, daí não se pode concluir que todos eles tivessem sido comprados para o uso de D. Duarte<sup>14</sup>. A nós parece-nos que as afirmações do cronista de S. Jerónimo não podem deixar de concluir que o ensino do grego e do hebraico era uma realidade no Mosteiro da Costa. Heitor Pinto, por exemplo, deve ter certamente aprendido aqueles idiomas durante a sua permanência nesse colégio.

É claro que o silêncio de Clenardo parece indicar que D. Duarte não estudou as referidas línguas nem que elas eram objecto de leccionação no

<sup>13</sup> Cf. o nosso estudo referido na notta 11, pp. 89-114.

<sup>14</sup> Cf. *A política cultural* .... p. 477, nota 1.



colégio vimaranense. E Romeiro e Murça igualmente não aludem ao seu ensino na Costa. Mas, sem dúvida comprados à custa dos rendimentos do Mosteiro e a pretexto dos seus estudos, não oferece dúvida de que ali se deviam administrar os conhecimentos das referidas línguas. Esta é a nossa opinião.

Passando agora a analisar o plano de estudos teológicos, diremos desde logo que se seguia o esquema parisiense, que era de seis anos e não de cinco. A base da docência assentava na teologia escolástica e na exegese bíblica, e não nas Sentenças de Pedro Lombardo. Mas ao dizermos que a teologia escolástica era a estrutura fundamental do curso respectivo, deve precisar-se que não se tratava dos escotistas nem dos nominalistas ou dos ecléticos parisienses, duramente contestados pelos erasmistas e pelos humanistas cristãos, mas sim de S. Tomás, altamente admirado por uns e por outros, devido à moderação com que utilizava o processo dialéctico e ao uso frequente que fazia dos argumentos escriturísticos e patrísticos.

Pela análise da biblioteca que passou do Colégio da Costa para o Colégio de S. Jerónimo de Coimbra, depressa nos apercebemos da extraordinária importância que se emprestava ao estudo da Sagrada Escritura, aos Santos Padres e ao humanismo. Juntamente com os textos de S. Tomás, deparam-se-nos obras escriturísticas e patrísticas, dos erasmianos e de outros que se enquadravam no mesmo contexto cultural.

E D. João III, ao transferir a Universidade para Coimbra, demonstrou à evidência que não eram os esquemas de Paris e de Alcalá, nos quais dominavam o nominalismo e o escotismo, que ele pretendia ver seguidos na restauração do ensino teológico. Eram sim as orientações do humanismo que ele desejava impor. E assim, ao convidar mestres que aderiam à escola de S. Tomás, como Afonso do Prado, João Pedraza, Martinho de Ledesma, António da Fonseca, António de S. Domingos, Marcos Romeiro, Paio Rodrigues de Vilarinho, etc., manifestou deliberadamente que não queria que a Escola conimbricense enveredasse pelas ideias e métodos de Durando, de Ockam e de outros autores que se haviam afastado da escolástica pura.

Fixemo-nos, por instantes, em Diogo de Murça. Ao debruçarmo-nos sobre a sua biblioteca, claramente nos apercebemos dos seus interesses ideológicos, não restando a menor dúvida de que aderira ao irenismo e aos ideais humanísticos. Na sua livraria rareiam os pensadores escolásticos, exceptuando S. Tomás; é incerta a existência de qualquer texto de Ockam e de Biel, e só aparece um de Durando. Entre os escolásticos da decadência, apenas encontramos John Mair e, possivelmente, Pierre d'Ailly. Não figuram nem Tartareto nem Pedro de Bruxelas.

Também se nota a falta de comentários arábico-escolásticos de Aristóteles, enquanto abundam os intérpretes clássicos e renascentistas, como é o caso de Alexandre de Afrodísia e de Rodolfo Agrícola.

No sector da exegese bíblica é extremamente abundante o número de escrituristas, ao passo que se verificam pouco representados os autores medievais. Também é de referir a ausência de obras polémicas contra Erasmo e os eramistas, se exceptuarmos Noel Beda. De salientar a riqueza de livros de autores evangelistas, como Lefèvre, Budé, Vives e Erasmo, sobretudo. E não se deve esquecer ainda a profusão de obras da Patrística.

«O menos que se pode dizer a respeito de Fr. Diogo de Murça é que as fontes do seu pensamento não coincidem com as dos doutores sorbónicos; aproximam-se, contudo, das que gozavam de preferência entre os irenistas. Mas a conclusão pode ampliar-se à vista de outros elementos. Antes de mais nada, os que resultam da análise da sua livraria. Mostra ela que os estudos sobre os Salmos, os Evangelhos e as Epístolas de S. Paulo tinham um predomínio nítido na esfera dos seus interesses exegéticos (e possivelmente nos do lente de Escritura Sagrada no Colégio da Costa, em Guimarães, Marcos Romeiro), como era corrente nas fileiras do irenismo, e que os dados históricos, filológicos e patrísticos deviam desempenhar um papel mais importante que o processo dialéctico no seu método de elaboração teológica. Além disso, patenteia-nos a posse de obras representativas da tese irenista de uma conciliação entre católicos e protestantes. A menção do *De sarcienda Ecclesiae concordia* de Erasmo combina muito bem, nesta ordem de ideias, com as citações repetidas do nome de Sadoleto e a referência à apologia do Cardeal Contarini em prol da sua teoria da dupla justificação. Por outro lado, cai dentro do reitorado de Murça em Coimbra (1543-1555) uma série de iniciativas académicas a que o espírito irenista não é estranho: a reorganização do ensino da Sagrada Escritura, o reforço da influência tomista, a reforma do ensino humanístico e artístico, e o alheamento do esquema sorbónico»<sup>15</sup>.

Conclui-se de tudo isto que a mentalidade de Murça e implicitamente dos mestres da Costa se caracterizava pela orientação do irenismo e do humanismo. O cronista dos jeronimitas escreve a propósito: «... propagou entre nós (monges belemitas) o conhecimento das línguas orientais; (foi) o primeiro que nos leu dentro do claustro as Artes, escolhendo da filosofia

<sup>15</sup> Cf. J. S. DA SILVA DIAS, *Correntes de sentimento religioso em Portugal*, t. I, vol. II, Coimbra, 1960, pp. 579 ss.; e JOAQUIM DE CARVALHO, *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XVI*, vol. II, Coimbra, pp. 136-199.



de Aristóteles o que nos podia ser útil para os estudos sagrados, ensinando-nos a buscar a inteligência daquele filósofo nas suas mesmas obras escritas na sua língua primitiva, e dirigindo a nossa aplicação à boa teologia, pelas suas legítimas e puras fontes, indicadas por S. Tomás, que propunha como norte das conclusões cristãs»<sup>16</sup>.

Falámos acima da importância dada no Colégio da Costa ao estudo da Sagrada Escritura na formação dos teólogos, bem como da Patrística e dos autores erasmianos. Concretizando melhor esta última ideia, lembremos as obras do sábio roterdamês elencadas na biblioteca de Murça: *Novum Testamentum* (dois exemplares); *In Novum Testamentum Annotationes* (dois exemplares); *Enarratio Triplex in Psalmum XXII*; *In Psalmum IV Concio*; *Enarratio pia, iuxta ac docta in Psalmum XXXIII*; *Concionalis interpretatio, plena pietatis in Psalmum LXXXV*; *Ecclesiastes sive de ratione concionandi*; *De sarcienda Ecclesiae concordia*; *Declarationes ad censuras Lutetiae*; *Epistolae*; *Opera omnia* (talvez a edição de Basileia de 1540); *Colóquios*; cinco outras obras não identificadas<sup>17</sup>.

A título de curiosidade, lembre-se que outros autores célebres do séc. XVI, como Marcial de Gouveia, João da Costa, Baltasar Jorge Valdez e Rui Pereira da Câmara, também possuíram nas suas bibliotecas obras de Erasmo.

Deve ainda fazer-se referência a dois exemplares, possivelmente de edições diferentes, da Bíblia de Estienne, censurada por Diogo de Gouveia Sênior e outros teólogos da Sorbona; dois exemplares da Bíblia de Brixiano (Isidoro Clário), religioso de Montecassino, autor de uma *Vulgata Aeditio Veteris ac Novi Testamenti quorum alterum ad hebraicam, alterum ad graecam veritatem emendatum est diligentissime* (Veneza, 1542), censurada mais tarde em Trento; duas outras edições do texto sagrado (ignora-se em que língua e por quem); uma Bíblia em hebraico; um Novo Testamento em grego; um Saltério em hebraico<sup>18</sup>.

Aliás, convém sublinhar que se assistiu nessa época a um enorme interesse pela Sagrada Escritura, merecendo uma referência especial Jorge de Montemor, Sá de Miranda, Gil Vaz Bugalho, D. Lopo de Almeida, Rui Pereira da Câmara, etc.

No seu importante trabalho sobre *Livros de uso de Frei Diogo de Murça*<sup>19</sup>, o Prof. Moreira de Sá desenvolve demoradamente a história da inventa-

<sup>16</sup> Cf. *Memórias dos Estudos em que se crião os Monges de S. Jerónimo*, p. 233.

<sup>17</sup> Cf. JOAQUIM DE CARVALHO, *op. cit.*, pp. 136-185.

<sup>19</sup> Cf. obra citada na nota 3.

<sup>18</sup> *Ibid.*, pp. 155-199.



riação das obras que tinham vindo do Mosteiro da Costa para Coimbra. Foi em 2 de Abril de 1561 que se iniciaram os inventários dos livros que se encontravam nos Paços Reais, e haviam chegado recentemente do Colégio de S. Bento, após a sua transferência do Mosteiro da Costa. Estes inventários encontram-se no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Colégio de S. Jerónimo de Coimbra*, vol. III, doc. 11, fls. 339v.-404. É cópia do séc. XVI. O doc. 11 diz na capa: «Inventario que por carta da Raynha fez o Corregedor desta comarca de Coimbra de toda a fazenda papeis e escripturas que por falecimento do P.<sup>e</sup> Fr. Diogo de Murça se achassem no Collegio de S. Bento e neste de S. Ierónimo que bem se pode ler pelo que succedeo no Auto delle em S. Bento ...». Na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, ms. 610, existe uma cópia mais recente (séc. XVIII), que foi publicada pelo Prof. Joaquim de Carvalho em «A livraria dum letrado do século XVI. Frei Diogo de Murça», in *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, vol. VIII, Coimbra, 1928, pp. 1-26, e em *Estudos sobre a Cultura Portuguesa do século XVI*, Coimbra, 1948, vol. II, pp. 111-199. Como escreve o Prof. Moreira de Sá: «A cópia do século XVIII contém muitos erros e omissões e engloba, sem qualquer referência, os livros que estiveram no Colégio de S. Bento (n.<sup>os</sup> I a CCLVII, pp. 159-195) e os que estiveram em casa do Doutor Marcos Romeiro e tinham pertencido a D. Duarte (n.<sup>os</sup> CCLVIII a CCLXXXIV, pp. 195-199)».

O primeiro núcleo abrangia 268 livros e foi mandado entregar ao Colégio de S. Jerónimo de Coimbra pelo facto de os livros serem propriedade dos Padres jeronimitas. Para se fazer uma ideia da riqueza deste núcleo, referimos aqui os autores e obras nele contidas: Bíblias, Pentateuco, comentários aos Evangelhos, Novo Testamento em latim, traduzido por Erasmo, Saltério em hebraico, Bíblia em hebraico, Novo Testamento em grego, Concordâncias bíblicas, obras de Eusébio, S. Ambrósio, Hugo de S. Vitor, S. Gregório, Orígenes, Eusébio de Cesareia, Santo Agostinho, S. Jerónimo, Tertuliano, Alberto Magno, Egídio Romano, S. Atanásio, Pedro Lombardo, Boécio, S. Basílio, S. João Crisóstomo, S. Clemente, S. Ireneu, Escoto, S. Tomás, S. Cipriano, S. João Crisólogo, Durando, Séneca, Diodoro Sículo, Virgílio, Sócrates, Marco António, Teócrites, Luciano Euclides, Juvenal, Homero, Aristófanés, Suetónio, Plauto, Plínio, Paulo Orósio, Pico de la Mirandola, Erasmo, Guilherme Budé, Rodolfo Agrícola, Lefèvre d'Étaples, Ermolau Bárbaro, J. Driedo, Sadoletto; Pontifical dos Bispos; sobre os Concílios; Flávio Josefo; vocabulário hebraico; dicionário hebraico; gramática hebraica; Frobénio em hebraico, etc.

O segundo núcleo inclui 31 obras que tinham pertencido ao príncipe D. Duarte e que, por sua morte, foram dadas ao Colégio de S. Jerónimo. Eis algumas das obras enunciadas: Bíblia em grego, Bíblia de Brixiano; Xenofonte, Tito Lívio, Aristóteles, Homero, Plínio, Dioscórides, Lucrecio, Luciano Valério Máximo, Quintiliano, Tucídides, Plutarco, Demóstenes, Heródoto, Cícero, Beda, Bessarion, Suidas, Basílio Magno, Filelfo, Boécio, etc.

O terceiro núcleo abrange 94 livros que tinham pertencido a Diogo de Murça. Este inventário foi publicado pelo Prof. Mário Brandão, in *Alguns Documentos Respeitantes à Universidade de Coimbra na Época de D. João III*, Coimbra, 1937, pp. 237-240.

Sobre as obras de Erasmo existentes nestes núcleos, pode consultar-se o estudo do Prof. Moreira de Sá, *Contribuição para o estudo de Erasmo em Portugal*, I — *Edições quinhentistas erasmianas da Biblioteca Nacional de Lisboa*, Paris, 1977; e *De Re Erasmiana. Aspectos do Erasmismo na Cultura Portuguesa do Século XVI*, Braga, 1977.

No XXI<sup>o</sup> Colloque International d'Études Humanistes, realizado em Tours, em 1978, subordinado ao tema «L'Humanisme Portugais (1500-1580) et L'Europe», esteve patente ao público uma valiosíssima exposição bibliográfica, sobre a qual J. V. de Pina Martins publicou um excelente catálogo que ilustra à evidência a projecção do humanismo em Portugal.

A oração de sapiência que D. Duarte proferiu no Mosteiro da Costa fornece-nos uma ideia de como na docência da teologia e erudição humana aparecia intimamente ligada àquela, conforme fora preconizado por humanistas como Petrarca, Ficino e Pico de la Mirandola e também a investigação bíblica e teológica não podia prescindir das «litterae humaniores» para resultar válida e fecunda. Lê-se na mencionada oração: «Se alguém quiser subir mais avante (no estudo da Filosofia de Cristo) ... antes embeba todas as outras disciplinas, e sabidas as cousas naturais, tome a teologia, nas voltas da qual haja de envelhecer ... Havemos de tratar com poetas, oradores, retóricos»<sup>20</sup>.

Pensa-se que este célebre discurso deve ter sido escrito por Murça ou Romeiro, bastante familiarizados com as orientações do humanismo cisalpino e com a valorização da filosofia e das letras humanas, considerando barbárie toda a cultura que se situasse fora dessa base. Entre os gramáticos fala-se de Nebrija, de Prisciliano, de Diomedes, de Donato, de Sérvio, de Linarco, de Peroto «e os mais que nesta arte floresceram se devem ler». E prossegue: «Esquecia-se Lourenço Valla, o qual diante de todos houvera

<sup>20</sup> Cf. CAETANO DE SOUSA, *História Genealógica, Provas*, t. III, primeira parte, p. 67.



de nomear; o qual não sei se recebeu tanta honra das musas em sua singular eloquência, quanta lhes fez em desterrar a barbaria e restituir o latim a seu antigo primor, homem doutíssimo em grego e em latim e que honrou as musas em sua agudeza»<sup>21</sup>.

Também não se deve omitir a conexão entre a retórica clássica e o apostolado: «Na Retórica devem ser lidos Quintiliano, Marco Túlio, e alguns assim gregos, como Demóstones, Isócrates, Xenofonte, Platão, como dos latinos (nesta arte mais exercitados), dos quais porém Quintiliano nos preceitos, Túlio em orar pela vida dos seus cidadãos, segundo o juízo da posteridade, levaram os votos de todos»<sup>22</sup>.

É notória a concepção fabro-erasmiana acerca das fontes da teologia e da piedade cristã: «a doutrina evangélica de nenhuma parte se sabe mais limpa que das fontes do Evangelho e das Tradições dos Apóstolos»<sup>23</sup>. A teologia é uma vida ao alcance de todos, ao contrário do que pensavam os intelectuais escolásticos e os adeptos do processo dialéctico: «(Cristo trouxe) uma nova ciência ao mundo, a qual, todo o tempo, da sua vida, sem nenhuma acepção de pessoas, mas a todos os homens que a quiseram aprender, abriu e declarou; ciência não tomada da escola dos teólogos, mas com o testemunho do Céu e do Padre duas vezes aprovada ... Porque, à minha vontade, não é teólogo o que somente (=apenas) disputa dos Sacramentos, dos dez preceitos da Lei, e da virtude, com toda a subtileza de palavras, se com a vida mais arremeda os fariseus que a Jesus Cristo ... Poucos acabam de alcançar a doutrina dos peripatéticos, as opiniões dos estoicos, os números dos pitagóricos; ninguém desta disciplina (=teologia) é engeitado, posto que seja de duríssimo engenho ... Nem por isso condeno certas subtilezas dos teólogos, as quais a gente comum não sabe, mas porque daí não devemos de afirmar que eles sós entendem a Sagrada Escritura, a qual é mais patente que as estrelas e que o sol. Isto nossos antepassados e os doutores da Igreja — Ambrósio, Jerónimo, Agostinho, Gregório — escreveram em muitos livros e fizeram por obra»<sup>24</sup>. Neste texto transparece à evidência a concepção da teologia como explanação edificante da mensagem cristã e uma visão da Bíblia como alimento espiritual dos fiéis.

Também Inácio de Moraes, por volta de 1535-1536, nos seus *Dialecticae Rudimenta*, se manifesta abertamente em oposição à escolástica, e numa

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 60.

<sup>22</sup> *Ibid.*

<sup>23</sup> *Ibid.*, p. 66.

<sup>24</sup> *Ibid.*, pp. 65-66.



carta a Fr. Brás de Barros, de 7 de Outubro de 1536, isso revela-se de uma forma nítida: «se atentares nesta nossa pátria, dominada por uma barbárie hedionda — *foeda barbaries* — e de tal modo por ela impunemente atacada, que, à parte um ou outro, isto é, à parte Aires (Barbosa), com dificuldade encontrarás alguém que fale correctamente o latim. E que não dizer da dialéctica filosofia? Ninguém até agora apareceu que entre nós tratasse e nas escolas ensinasse com pureza estas disciplinas. Tudo envolviam em trevas infernais, como se costuma dizer; tudo baralhavam, de alto a baixo, com cavilações sofisticadas — *cavillationibus sophisticis* — que distorciam lastimosamente a inteligências dos ouvintes. Para abreviar: é tanta a nossa penúria de homens ilustrados — *literatorum hominum* — e a língua da nossa gente está de tal maneira apegada à algaravia escolástica — *gottica stribilingue* —, **que assim** Deus o permita, é preciso mandar vir estrangeiros que nos ensinem. É por isso que muitos agradecimentos te são devidos, pois te esforças por remediar este mal e favorecer as belas-letas, e levantas uma escola, que há-de ser celeberrima, assim o esperamos, para a qual de toda a parte chamaste homens doutos, aliciando-os com bons salários, e não só preparas para a verdadeira piedade — *ad veram pietatem*... formas —, com virtudes excelentes, a família zelosíssima a que presides, mas ilustrá-la também com o exercício das letras, de modo que ninguém sinta a falta delas»<sup>25</sup>.

De grande interesse se reveste também a carta de Marcos Romeiro de 1 de Novembro de 1540; nela se põe em destaque a íntima ligação da piedade e da cultura, da teologia e das letras humanas: «(No Colégio da Costa) todos são contínuos em falar latim, no **que** se põe grande diligência e vigilância, porque o falar latim e entendê-lo **bem** é o princípio de todas as doutrinas e para melhor julgar nelas. Com **este** exercício se faz muito proveito e cada vez se fará muito maior, com **muito** acrescentamento das letras e muitos letrados neste reino»<sup>26</sup>.

Ao falar-se da importância dos estudos teológicos no Mosteiro da Costa, não pode deixar de se mencionar a oração proferida pelo estudante Fr. Jorge de Belém, possivelmente em 1542, e que mereceu um notável estudo do Prof. Cândido dos Santos<sup>27</sup>. Nela se revelam as ideias do humanismo cristão de acordo com as linhas mestras apontadas por Erasmo na *Ratio sive*

<sup>25</sup> Cf. *Alguns documentos ...*, p. 67.

<sup>26</sup> *Ibid.*, p. 51.

<sup>27</sup> Cf. CÂNDIDO DOS SANTOS, «Humanismo e Teologia nos Meados do Século XVI», in *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XI, Paris, 1975, pp. 507-553.

*methodus compendio perveniendi ad veram theologiam*, publicada em 1518, onde se coloca o problema das relações entre o humanismo e a teologia, e se traçam as linhas fundamentais do humanismo cristão: «A cultura antiga jamais devia ser desprezada como intrinsecamente anti-cristã; pelo contrário, deviam ser consideradas como dádivas de Deus todas as conquistas da razão humana; as letras profanas e os escritos dos filósofos não eram irreconciliáveis com a *philosophia Christi* e deviam até ser mobilizadas ao serviço das Letras sagradas. Estas, por sua vez, deviam regressar às verdadeiras fontes da sua inspiração: os livros evangélicos, as Epístolas paulinas e os escritos dos Profetas. Porque é na Sagrada Escritura que reside, palpitante e viva, a palavra de Deus»<sup>28</sup>.

Na oração de Fr. Jorge podemos distinguir três aspectos essenciais: apresenta ao futuro teológico de que disciplinas se deve servir, que tempo se deve demorar nelas e qual a finalidade a que deve submeter os seus estudos.

Na primeira parte diz que o cristão deve seguir o caminho da autêntica ciência de Cristo aproximando-se instruído e preparado e procurando um viático conveniente: «ut instructus et paratus accedat, accomodumque prius viaticum quaerat». Não alude à necessidade de conhecer as três línguas eruditas, como fizera Erasmo. Passa depois a falar da preparação moral e espiritual que se exige ao futuro teólogo e neste ponto aproxima-se de Erasmo.

Ao longo de toda a oração verifica-se que o estudo da ciência sagrada é perfeitamente compatível com o conhecimento das ciências profanas. «A Teologia não se compadece com a ignorância e não repudia a cultura dos antigos. Aceita-a e integra-a como um dado fundamental». O estudo das Artes e do quadrívio — Aritmética, Música, Geometria e Astronomia, a Metafísica e a Ética ou Filosofia Moral merecem-lhe igualmente uma atenção particular.

Escreve a certa altura: «aprendamos, pois, caros irmãos que os terrenos tão agradáveis dos filósofos não devem ser desprezados, nem gritemos, em defesa da religião, segundo o costume daqueles que, supersticiosamente para não dizer farisaicamente, acreditam estar contaminados se lerem Platão ou Aristóteles e abrirem os livros quer dos pitagóricos quer dos estoicos». E noutro passo: «ninguém venha dizer que o estudo dos filósofos nada traz para a verdadeira erudição ou que os pensamentos deles são estultos pois ainda que estejam dobrados para a terra e não possam erguer

<sup>28</sup> *Ibid.*, p. 508.

os seus rostos para coisas mais altas e compreender aquelas que são próprias do Divino Espírito, consta-nos, pela Sagrada Escritura, que nos deixaram muitas coisas aproximadas à verdade».

Acerca das letras sagradas que devem ter sempre a primazia, diz: «Convém assim que os oráculos das Sagradas Letras sejam gravados nos nossos corações com grande magestade de maneira que, quando ouvirmos alguma coisa delas, pensemos estar a ouvir o próprio Deus onipotente que é o Mestre e o Antístete dos Livros Divinos».

Quanto ao último ponto — o fim e objectivo dos estudos, escreve que se deve pretender conhecer a Cristo e a penetrar nas Sagradas Escrituras. Como diz o Prof. Cândido dos Santos: «Por conseguinte, para Fr. Jorge o fim dos estudos era conhecer a Cristo, mas o Cristo vivo da Sagrada Escritura. Erasmo não pensava diferentemente quando escreveu que Cristo era o *totius eruditionis et eloquentiae scopus*».

Uma questão que se levanta é a respeitante ao erasmismo de Fr. Jorge, dado que existem paralelismos de ordem ideológica entre a oração e certas obras de Erasmo, como por exemplo a *Ratio* e a *Paraclesis*. Verifica-se, contudo, que nem o nome do roterdamês nem o de qualquer dos seus escritos são referidos por Fr. Jorge.

Cândido dos Santos chama, entretanto, a atenção para o facto de tanto Erasmo na *Ratio* como Fr. Jorge citarem o *De Doctrina christiana* de Santo Agostinho. O teólogo de Roterdão escreve a certa altura: «Tametsi divus Aurelius Augustinus, accurate simiul et copiose, quatuor libris, quibus titulum fecit de Doctrina christiana, super hoc propemodum argumento disserit» (*Ratio*, V, 75 E). A pergunta que se põe é esta: terá Fr. Jorge utilizado Erasmo, cujas obras possuía Fr. Diogo de Murça? Ou terá ido directamente a Santo Agostinho, cujos *opera omnia* existiam igualmente na livraria do frade jeronimita numa edição elaborada pelo próprio Erasmo? Acerca deste ponto escreveu Charles Bené *Érasme et Saint Augustin ou Influence de Saint Augustin sur l'Humanisme d'Érasme* (Genebra, 1969), na qual aborda exaustivamente esta questão.

Reveste-se de muito interesse o cotejo que Cândido dos Santos faz entre a oração de Fr. Jorge e a *Ratio*, a *Paraclesis* e o *Enchiridion* de Erasmo, demonstrando a existência de muitas afinidades entre ambos os autores. E a certa altura alude ainda a um passo da oração de D. Duarte, no qual se faz referência à revelação de Deus a Jesus Cristo no rio Jordão e no Monte Tabor que Erasmo também inclui, citando as palavras bíblicas: «Este é o meu filho muito amado em quem pus as minhas complacências: ouvi-O».



E conclui assim Cândido dos Santos as suas considerações: «Parecem inegáveis, após esta resenha, os pontos de contacto no que respeita ao domínio das ideias. E depois, agora no campo da imagética, o exemplo das abelhas, invocado por Erasmo no *Enchiridion* e colhido certamente em Isócrates. Fr. Jorge utiliza-o também na 'oratio'. Onde o terá colhido? Em Isócrates ou em Erasmo? A história do moço Faetonte, invocada na *Ratio* e na sua *Oratio*; os autores apontados como paradigma, geralmente os mesmos: S. Jerónimo, o amante da *serva captiva*, isto é, das letras profanas; S. Paulo para quem não foram despreciados os poetas antigos; o conselho de S. Basílio aos sobrinhos; a invocação do nome de S. Tiago, bem como de Salomão e o livro dos Provérbios sobre a forma de buscar a Sabedoria; por outro lado, o complexo de princípios comuns: regresso às fontes primitivas do Cristianismo — Sagrada Escritura e Santos Padres; conveniência e utilidade do recurso à sabedoria dos antigos; repúdio do formalismo religioso farisaico e sentido de uma vivência religiosa em espírito, tudo isto não permitirá concluir algo mais que simples afinidades fortuitas e legitimamente pensar em contactos directos, fonte de inspiração?»<sup>29</sup>. Mais do que mentalidade erasmiana teríamos, pois, na oração de Fr. Jorge claros indícios de erasmismo.

Mas, apesar de tudo o que se disse, convém vincar bem que o humanismo ideológico seguido no Colégio da Costa não se aproximou totalmente do humanismo fabro-erasmiano, nem ali encontramos o grau e o nível atingidos pelo Colégio Trilingue de Lovaina ou pelo Colégio de França. Ao analisarmos os esquemas pedagógicos dos estudos jeronimitas, constatamos que, juntamente com elementos novos propostos pelas directrizes do humanismo e da renovação da teologia e do ensino escriturístico se mantinham em vigor orientações tradicionais e conservadoras.

Como se depreende, por exemplo, da carta de 8 de Novembro de Murça para D. João III, nota-se que era seguido o regimento pedagógico parisiense. O curso de teologia apresenta-se como muito semelhante ao da Sorbonne.

O dia escolar na Costa dividia-se em dois períodos: no primeiro, na parte da manhã, leccionava-se a teologia escolástica, trabalhando-se logo a seguir sobre as matérias versadas; no segundo, repetia-se a lição matinal e discutia-se ou disputava-se sobre a mesma, após o que vinha a lição de Sagrada Escritura com a apresentação de questões sobre a mesma, muito possivelmente. Às sextas-feiras havia disputas maiores, debatendo-se a matéria teológica e a matéria bíblica ministradas durante a semana. Enquanto

<sup>29</sup> *Ibid.*, p. 518.

a lição de teologia especulativa durava hora e meia a duas horas, na de exegese gastava-se uma hora a hora e meia.

A partir de 1539 começaram a ser concedidos graus em Artes e em Teologia.

A vida do Colégio da Costa foi breve e não se revestiu do brilho que seria de esperar. A falta de professores e de alunos constituem algumas das causas principais, como se deduz das cartas de Murça a D. João III, de 8 de Junho de 1542 e de 8 de Novembro do mesmo ano. Em 1542-1543 havia apenas 70 alunos de Gramática, 26 em Artes e 14 em Teologia. Os cursos de filosofia e de ciências sagradas não começavam anualmente: os últimos só se realizavam de três em três anos.

Outra circunstância a ter em consideração foi o facto da morte de D. Duarte em Agosto de 1543 e a partida de Murça para Coimbra em princípios de Novembro imediato com a incumbência de dirigir a Universidade. Em 22 de Setembro de 1544 dava-se a instalação do «Reitor e Padres do Colégio da Ordem de S. Jerónimo... nas casas novas da dita Universidade». Mas é muito provável que a mudança já se tivesse começado a verificar desde fins do ano lectivo anterior.

Chegaram sucessivamente a Coimbra os professores Gaspar Bordalo (1543), Marcos Romeiro (1545) e Inácio de Moraes (1546). No ano escolar de 1547-1548 tiveram início os estudos de Artes em Coimbra. D. António e Fr. Heitor Pinto e outros alunos transitaram igualmente de Guimarães para a cidade do Mondego. Em 1550 teve lugar a anexação definitiva do Colégio da Costa ao de Coimbra.

Terminamos estas apreciações sobre o ensino no Mosteiro da Costa com estas palavras do Prof. Silva Dias: «Teve assim o remate lógico que seria de prever, a política oficial de concentrar no burgo do Mondego todos os estudos de grau universitário, e de fazer da *alma mater* conimbricense, com o apoio de um sistema colegial, um sistema universitário susceptível de rivalizar com Alcalá e Salamanca, pelo número dos estudantes e o nível da cultura»<sup>30</sup>.

E mais adiante, referindo-se às experiências feitas nos diversos pontos do país: «Nem os ensaios do monacato de S. Jerónimo, nem os do clero de Braga e de Évora, se saldaram com resultados pedagógicos ou culturais de monta. São gestos de boa vontade, anseios de reforma e, pelo que respeita ao Colégio da Costa, a busca de uma combinação dos contextos

---

<sup>30</sup> A política cultural ..., pp. 486-487.

parisinos com os esquemas do humanismo. Tudo, porém, em estado de incipiência, sem visão de conjunto nem atitudes de ruptura com o legado escolar da Idade Média. Mesmo em Guimarães, onde as opções de modernidade ideológica já afloriam, a recusa do medieval não é profunda.

«E depois, estas experiências, aliás com factores de interesse, revestiram-se de carácter bastante limitado, sem meios nem estruturas para a contestação da Universidade e do ensino ao nível nacional. Não contribuíram estímulos ou modelos, com entranhas de eficácia, para a transformação generalizada e profunda da escola e da cultura do país. Por dignas de aplauso que fossem, como iniciativas, não conduziram, por si, à europeização intelectual da nossa gente. A história regista-as apenas como sintomas de politização dos problemas culturais e pedagógicos»<sup>31</sup>.

<sup>31</sup> *Ibid.*, p. 487.



SEPARATA DO VOLUME III DAS ACTAS

---

Tipografia Barbosa & Xavier, Lda., Braga

